

GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G. **Introdução à cosmvisão cristã**: Vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Editora Vida Nova, 2016. 272 p.

## O cristão vendo o mundo sob as lentes de Goheen e Bartholomew

Yan Costa<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Graduado em História, Mestrando em Educação Clássica pela Southeast University. Professor de História, Filosofia e Atualidades no Colégio Fazer Crescer (Recife-PE).

Michael W. Goheen é um missiólogo canadense atuante nas áreas de teologia bíblica, cosmvisão e plantação de igrejas. Doutor pela University of Utrecht, Goheen atua como professor e pesquisador residente no Missional Training Center e no Calvin Theological Seminary. Por sua vez, Craig G. Bartholomew é um filósofo e teólogo cristão. Doutor pela Bristol University, Bartholomew atua como professor de filosofia na Redeemer University College e dirige o Instituto Kirby Laing desde 2017.

Bartholomew e Goheen produziram o livro *Introdução à cosmvisão cristã* com o desejo de introduzir uma visão sobre a temática de maneira a referendar a teologia do senhorio<sup>2</sup>. A publicação aponta caminhos para outras obras produzidas e editadas pelos autores, que há alguns anos atuam na produção de conteúdo sobre a missão da igreja e a filosofia cristã. O livro em questão é uma publicação que dialoga em termos de antítese, harmonização e diálogo acerca da extensa produção de conhecimento sobre a possibilidade de uma cosmvisão cristã. Organizado em nove capítulos, subdivididos em seções curtas, dois índices e um posfácio pastoral, o livro se apresenta como uma excelente literatura de introdução à questão da cosmvisão cristã.

No capítulo um, o livro articula o evangelho e a missão da igreja como temas indissociáveis ao conceito de cosmvisão. Desde o início da obra, os autores colocam o

---

<sup>2</sup> Termo referente à tradição neocalvinista de matriz holandesa e herdeira dos ensinamentos de Abraham Kuyper e Herman Dooyeweerd.

seu ponto de partida para a reflexão sobre a cosmovisão: A grande narrativa de Deus. Na sequência, já no capítulo dois, os autores fazem um breve apanhado histórico sobre as origens do termo, seus usos e desusos no meio cristão. Nesse ponto, a honestidade intelectual e o cuidado com os excessos e reducionismos, por parte dos autores, ficam claros para os leitores do livro.

Os capítulos três e quatro expõem uma intersecção entre a abordagem cosmovisional e a teologia bíblica. Ao articular os tópicos “criação, queda e redenção”, os autores buscam elevar os parâmetros básicos da narrativa bíblica como linhas seguras de interpretação e interação com a realidade multifacetada dos tempos atuais. Para os leitores que não têm contato prévio com a teologia bíblica, algumas obras são citadas nas muitas notas de rodapé que compõem esses dois capítulos do livro.

Os capítulos cinco e seis apresentam uma linha histórica do surgimento da modernidade. Aqui, as contribuições históricas de Goheen e as análises filosóficas de Bartholomew apresentam um texto sobremodo excelente. Questões que em obras de Schaeffer<sup>3</sup> e Kuyper<sup>4</sup> se tornam complicadas à análise, aqui são tratadas de maneira bastante didática, sob a perspectiva narrativa. Ao fugir de marcos historiográficos e tratar a construção do Ocidente como uma grande narrativa, os autores trabalham de forma robusta a proposta do livro: uma intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea.

Os capítulos sete e oito dão contornos finais ao livro e esboçam contribuições possíveis para uma teologia pública. Apresentando uma espécie de escatologia cultural, os autores, abordam quatro sintomas culturais e epistemológicos que buscam saber em que momento do quinto ato divino<sup>5</sup> os tempos atuais estão situados. Na sequência, o capítulo oito apresenta a missão como um verdadeiro convite ao engajamento cultural. Linhas cuidadosas de análise de uma cultura caída no pecado são traçadas à luz da grande narrativa bíblica. O leitor é encorajado, a partir de exemplos bíblicos, a dialogar com a cultura tendo o evangelho como parâmetro base. Finalmente, no capítulo nove, como uma interessante doxologia missional, são esboçadas vias de interação com diferentes áreas da sociedade de maneira fiel ao evangelho e àquilo que Cristo chamou a sua Igreja a fazer no mundo.

A obra, de uma maneira geral, se apresenta como um texto muito importante de ser lido e compreendido pela igreja brasileira. O tom pastoral no trato de questões complexas é notório. A exegese cultural, a construção de uma teologia pública e a boa articulação de uma teologia bíblica a partir de um “encontro de narrativas” são contribuições relevantes para o cenário gospel brasileiro. Porém, o forte tom introdutório

---

3 *Morte da Razão* (Viçosa, MG: Ultimato, 2014) e *O Deus que se revela* (São Paulo: Cultura Cristã, 2019).

4 *Raízes da Cultura Ocidental* (São Paulo: Cultura Cristã, 2022).

5 *O Drama das Escrituras* (São Paulo: Editora Vida Nova, 2017).

presente ao longo de toda a obra deixa um gosto de “quero mais” constante no leitor e a impressão de que nenhum dos tópicos do livro foi elaborado de maneira ampla. Não que isso descaracterize uma obra que tem por “Introdução” o seu título, mas fica a clara impressão de que os autores poderiam facilmente ter feito um livro com o dobro de páginas.